

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 17 de fevereiro de 2016**

Texto de referência: L. Giussani, "Os três fatores constitutivos", Porquê a Igreja, Verbo Ed., Lisboa 2004, págs. 89 a 108.

- *Non son sincera*
- *My Father sings to me*

Gloria

Demo-nos como texto de trabalho a primeira parte do segundo capítulo do *Porquê a Igreja*, onde se abordam os factores constitutivos daquele fenómeno que se chama "Igreja". E este trabalho é-nos proposto – aconteceu assim, sem nenhuma estratégia – num momento em que estamos a atravessar circunstâncias, com tudo aquilo que está a acontecer entre nós e a que o Senhor não nos poupa, que poderíamos considerar só como um caos, e que, pelo contrário, podemos acolher como uma possibilidade, como ocasião para o nosso amadurecimento. De que modo? É isto que temos que perceber, porque nada daquilo que acontece é mecânico. Imagino que, noutra contexto, teríamos podido abordar este capítulo só fazendo comentários sobre o texto, quase sem nos deixarmos tocar. Não será assim! Não pode ser assim, com aquilo que nos está a acontecer. Por isso, é providencial que possamos viver esta circunstância como uma oportunidade para nos ajudar a perceber aquilo que pensávamos já saber, ou seja, a natureza da Igreja. O primeiro ponto que *don Giussani* sublinha é que qualquer observador, que se encontrasse em Jerusalém e tivesse visto surgir o primeiro núcleo da Igreja, teria encontrado uma realidade comunitária sociologicamente identificável. «O facto cristão, antes de mais, coloca-se na história [...] ao observador, como *comunidade*» (pág. 89). Podemos dizer sinteticamente, com a imagem que todos temos nos nossos olhos: "Todos se reuniam com o mesmo espírito, no pórtico de Salomão" (At 5, 12). Comenta *don Giussani*: o peregrino que indo ao templo alguns dias de seguida, chegado a Jerusalém para a Páscoa ou para outra festa, de cada vez reparasse no mesmo grupinho de gente debaixo daquele pórtico, o que é que teria pensado? «No primeiro dia podia seguir o seu caminho sem curiosidade, talvez no segundo também, mas, a certa altura, teria perguntado a alguém: “Quem são estes que vejo sempre juntos aqui?” E ter-lhe-iam respondido: “São os seguidores de Jesus”» (pág. 90). É isto que nós temos que verificar. Imaginem que nestas últimas semanas, um "peregrino" contemporâneo, chegado a Itália sabe-se lá de onde, se tivesse embatido na nossa "realidade comunitária sociologicamente identificável" através do ecrã dos jornais, dos sites, dos blogs, das redes sociais, dos nossos grupos de Fraternidade, das várias amizades. Se, como no exemplo do peregrino antigo, observando-nos, perguntasse: «Quem são estes do CL? Quem são estes aqui?» Para lá da escolha de ir ou não a Roma – que estava era deixada à decisão dos leigos, porque só de dentro da experiência da liberdade se pode conquistar a verdade – observando-nos em acção, ouvindo-nos falar, uns dos outros, uns com os outros, ou uns contra os outros – porque aconteceu de tudo – durante a viagem, para aqueles que foram, ou em casa, para quem ficou, pois bem: o que é que aquele peregrino teria descoberto de nós? O que é que teria percebido de nós? A que é que estamos mais agarrados? Isto tem a ver com todos nós, porque todos somos parte desta realidade sociologicamente identificável; todos temos diante dos nossos olhos como nós colocámos. E o que é que este «peregrino» responderia? Responderia como diz *don Giussani* no texto da Escola de Comunidade? Isto significa viver a Escola de Comunidade não só a fazer comentários ao texto, mas usando-a como nos é proposto, ou seja, como critério de juízo, como ponto de comparação. O que é que aprendemos do que é a Igreja ou, melhor, sobre a autoconsciência que nós temos da Igreja e de nós próprios? Aquela primeira comunidade tinha a consciência de ser escolhida por Deus. Foi o que prevaleceu nestas semanas todas? Que tipo de consciência descobriria este «peregrino» ao olhar para nós? Não o pergunto para testar se estivemos à altura, não é isto que me importa agora. O problema é o tipo

de consciência que temos. Até podíamos dizer: «Sei muito bem que fomos escolhidos por Deus», mas isto prevalece no nosso modo de nos posicionarmos? Como veem, não basta ter o texto da Escola de Comunidade, onde se diz toda a verdade sobre a Igreja, através da sã doutrina de *don Giussani*, para que esta autoconsciência prevaleça. «O primeiro núcleo de Igreja testemunha que ela "não só prossegue a obra dele [Cristo], como O continua a Ele próprio, num sentido incomparavelmente mais real do que qualquer instituição humana continua o seu fundador"» (pág. 89): se Cristo, depois de ter dado início à Igreja, não acontece em nós no presente, o que é que aparece? O que é que somos? O que é que vivemos? Pelo contrário, quando acontece, o que é que sucede?

Estive em África para pregar os Exercícios espirituais da Fraternidade de São José. E há lá uma nossa amiga que há dez anos, quando declarou que vivia a sua vida na vocação à virgindade, foi declarada morta pela sua família. Literalmente, a sua mãe e a sua irmã foram à câmara municipal, obtiveram o certificado de óbito e apresentaram-lhe: «Tu morreste. Já não existes: para nós, para a tribo, para a aldeia». E ela – não sei como, mas vê-se que em África se pode continuar a viver mesmo sem ter documentos – por dez anos continuou a viver, trabalhando e vivendo sozinha. Depois de dez anos, ou seja agora, visto que todos os seus irmãos se foram embora, casaram-se, deixaram a mãe sozinha, a mãe pensou que, em vez de ficar sozinha, talvez fosse melhor “ressuscitar” a filha, pelo que... Nós brincávamos com ela nestes dias dizendo-lhe, de facto, que não são muitos os ressuscitados depois de Lázaro. A coisa que me impressionou é que contou que agora é um momento um pouco de glória também para ela, pelo facto de ter sido “ressuscitada”; então voltaram os parentes, os seus irmãos, a sua casa, e disseram-lhe: «Nós não percebemos bem o que se passou, porque para nós tu estavas morta, tinhas saído da nossa família, já não existias. E no entanto tu continuaste a viver, e a viver bem; venceste porque resististe diante de tudo isto. Quer dizer que tu tens uma força que não sabemos explicar. Provavelmente és uma bruxa». E então naquelas semanas olhavam e espiavam o que fazia para perceber que estranhas magias realizasse para ter essa força. Enquanto nos contava isto, eu comovi-me olhando-a, porque pensava: mas olha, tu e eu que para falar temos que usar um tradutor porque eu falo italiano e tu francês, estamos distantes, distantes cultural e geograficamente, e porém tu e eu somos uma coisa só mais do que tu o és com toda a tua família, com toda a tua tradição! E vinha-me à mente aquela passagem da Escola de Comunidade em que se diz que é retirada toda a distância, que o povo de Deus nasce da percepção da consciência de ter sido escolhido e que lhe aconteceu alguma coisa. Nos Exercícios constatei-o: somos uma só coisa porque conscientes, eu percebo-te mais do que a tua mãe e a tua irmã, e estamos juntos. Regressado a Itália, à noite fui à Escola de Comunidade onde vieram ao de cima todas as questões: Family Day não, Family Day sim (já tinha sido), fui, não fui, discussões. Eu tinha nos olhos aquela nossa amiga e o que tinha vivido lá, pelo que disse: «Eu posso discutir quanto quiserem sobre o Family Day, de tudo, mas se antes não reconhecemos que fomos postos juntos por Aquele que aconteceu... Podemos até discutir para chegar a um acordo, mas o que nos junta vem antes, veio antes, aconteceu. Peçamos para o reconhecer, porque assim, depois, podemos também ser livres de ter uma opinião diferente, de discutir em que ponto estamos, mas dentro duma letícia pelo facto de termos sido postos juntos. De outro modo, podemos até tentar chegar a um acordo, ficarmos com a mesma opinião, mas estou mais distante de vocês do que da amiga africana».

Eis a questão: se este «antes», se esta pertença a Cristo que nos escolheu, prevalece ou não prevalece. Se prevalece, podemos depois – como dizes – fazer, cada um de acordo com os tempos daquilo que consegue perceber ou ver. Mas prevalece? Isto impressiona-me muito, porque quer dizer que o problema fundamental não é, como às vezes se discute entre nós, a contraposição entre um testemunho público e um testemunho privado. Parece-me que é um alibi para evitar entrar no âmago da verdadeira questão: o que define o testemunho, ou seja, qual é o conteúdo da nossa autoconsciência. O conteúdo do nosso testemunho é de tal modo potente que vence mesmo uma família e uma sociedade que te declaram oficialmente morta? Se Cristo não acontece tão

potentemente como naquela mulher, ao ponto de poder vencer mesmo quando se perde (em certo sentido) – porque a potência de Cristo presente e ressuscitado é mais forte que qualquer outra circunstância –, como poderemos viver a fé e ser determinados por ela? Então, sem que o conteúdo da nossa autoconsciência seja este, nós, juntos ou individualmente, somos como todos. Por isso retomo algumas reflexões de *don* Giussani sobre a tentativa do movimento em responder ao desafio de 1968 com o grande acontecimento do Palalido: «O acontecimento daquele convénio no Palalido esteve porém paradoxalmente na origem dum equívoco [...], empenhávamo-nos sim em fixar a especificidade do facto cristão, mas só dentro dos limites dum horizonte predeterminado por outros» (L. Giussani, *Il movimento di Comunione e Liberazione (1954-1986)*, Bur, Milano 2014, pág. 169). E este equívoco é a coisa mais difícil de ultrapassar porque, como nos disse em tantas ocasiões ao longo da nossa história, «é como se o movimento [...], dos anos '70 em diante [não sei se já resolvemos este problema!], tivesse trabalhado, construído e lutado sobre os valores que Cristo trouxe, enquanto que o facto de Cristo, para nós, para as nossas pessoas e para todos os que conosco fizeram o CL, “tivesse permanecido em paralelo”» (L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, Bur, Milano 2008, pág. 56). Não estava a contrapor um eu privado a um nós visível, éramos nós visivelmente observáveis, e ele corrigia-nos nisto, no conteúdo da nossa autoconsciência, do que nós testemunhávamos. Por isso este capítulo do *Porquê a Igreja*, logo neste momento, pode ajudar-nos a retomar uma consciência que não está suficientemente viva, para que não prevaleça o despautério que vemos. Pelo contrário, quando alguém se embate numa realidade, por pequena que seja, que documenta que Cristo está presente, acontece alguma coisa.

Há pouco tempo conheci um rapaz: é homossexual e tem um companheiro com quem convive estavelmente. Um dia fez-me esta proposta: «Se daqui a algum tempo não estiveres ainda casada, fazemos um filho e depois entrega-lo a mim e ao meu companheiro». Assim de repente fiquei de boca aberta e a única coisa que consegui dizer-lhe foi: «Um filho faço-o com o meu marido, certamente não para o vender. Imagina que eras tu essa criança: querias ser trazido ao mundo e depois ser dado a outros?!» Ficou calado. Depois, ao longo do dia, ruminei o facto e comecei a chorar, porque nunca tinha sido tratada assim. Algum tempo depois reencontrámo-nos e eu disse-lhe que o que me tinha dito naquele dia me tinha ferido muito e que não pode permitir-se tratar assim uma pessoa. Então aquele rapaz procurou desdramatizar. Depois de nos despedirmos, tinha o desejo de partilhar o acontecido com as minhas amigas. Falando com elas dei-me conta de ainda estar triste; percebia que não me bastava aquele último diálogo que tinha tido com ele, faltava-me ainda algo, parecia-me não respirar ainda completamente. Depois li a Escola de Comunidade e o teu artigo no Corriere della Sera, e foi libertador. Percebi antes de mais que não é só um problema da confiança que ele tenha comigo, ou seja, não é que depois dum certo período então uma pessoa possa tomar uma certa liberdade de dizer ou pedir certas coisas, não é verdade. E depois percebi que eu sou igual, idêntica a ele e que posso também eu tratar as coisas e as pessoas assim. Mas a coisa que me salvou foram os encontros que fiz na vida com pessoas que me olharam pelo infinito que sou e que acolheram esta minha identidade sem reduções ou chantagens, pelo contrário, amaram a minha vida pela necessidade que é, deixando-a constantemente aberta, e isto começou pelo abraço dos meus pais até aos amigos do movimento. Só o acontecimento dum diversidade humana correspondente me salvou da minha mesquinhez (que não é realmente diferente da daquele rapaz), voltando a dar-me continuamente um modo novo de me olhar, original e autêntico. E não é só um problema de inteligência, graças à qual eu seja melhor do que ele a perceber dum ponto de vista antropológico como nos devemos tratar entre pessoas, mas é um problema de experiência vivida e ajuizada, ou seja é inerente ao encontro com rostos que me conquistaram, que me restituíram a mim mesma fazendo-me sentir, por isso, preferida. Então percebo o valor da realidade como dado, para que eu possa fazer um caminho para o meu destino, e percebo o valor da Igreja como comunidade de pessoas postas juntas por um Outro que faz as coisas, que nos faz a nós cada dia, que nos devolve cada vez a nós mesmos; porque se fosse só por nós, por uma nossa aptidão e capacidade, falharíamos de cada vez, desiludir-nos-íamos de cada vez, reduzir-nos-íamos

uns aos outros. Pelo que me dou conta de ser hoje mais livre que antes, porque já não tenho a defender apenas uma ideologia ou uma antropologia, mas – questão de vida ou de morte – a única coisa que tenho a defender é a possibilidade de olhar a realidade como a olha Cristo. Agradeço ter conhecido este rapaz que me permitiu perceber melhor isto. Depois com ele será tudo a viver e a descobrir.

Obrigado. Muito provavelmente não leste aquilo que *don Giussani* intuía já em 1968. Também para ele foi um sinal dos tempos o facto de já não ser um discurso sobre a antropologia ou sobre a tradição que permitia fundar o ser cristão: «Não pode ser motivo para aderir ao cristianismo nem a tradição, nem uma teoria, nem a conceção [...] [nem uma] filosofia cristã, não a teologia cristã, não a conceção do universo que tem o cristianismo». E ainda: «Não era [sequer] pelas discussões que tinha [Jesus], não era pelas elucidações que dava, não era por chamar a atenção para o Antigo Testamento; [...] [mas somente] porque constituía uma presença cheia de mensagem» que era capaz de mudar a vida. Por isso *don Giussani* dizia que «será necessário que revejamos na raiz todo o [nosso] discurso» (A. Savorana, *Vita di don Giussani*, Bur, Milano 2014, pág. 404) de outro modo, não encontraremos uma razão adequada para viver a fé. Diante deste teu contributo, espanta-me ler de novo no texto indicado para hoje: «Aquele grupo incipiente de pessoas apresentava-se como quem, gozando da presença viva de Cristo, prosseguia a Sua realidade quase fisiologicamente, soldava-se àquela presença viva num envolvimento familiar e quotidiano concreto: aquele grupo incipiente tinha em si a consciência de prolongar ou, melhor [vejam que expressão sintética giussaniana], de comunicar, realizando» (pág.94). Estão a ver? Comunica-se o cristianismo realizando-o: um acontecimento, o cristianismo comunica-se acontecendo. É apenas pela diversidade das pessoas que encontre na vida que pudeste não sucumbir à violência com que aquele rapaz te tratou. Não é – como dizes e bem – por seres mais inteligente. Não. «Só o acontecimento de uma diversidade humana correspondente me salvou da minha mesquinhez», e por isso – acrescentas - «agradeço». É isto que nos permite tomar consciência de que coisa verdadeiramente nos aconteceu.

O evento da Family Day abanou-me bastante, mas foi uma provocação útil. Não fui, fiquei a tomar conta dos meus netos, mas estava na praça de S. Pedro com todo o meu coração. No final da última Escola de Comunidade disse para mim mesma: a obediência torna-se um trabalho. Não tinha percebido a tua posição. Prometi a mim mesma que iria pedir ao Senhor que me esclarecesse o juízo. E assim foi. Há poucos dias, tivemos um jantar da caritativa, que fazemos regularmente para descobrir o sentido do nosso agir. Diante dos belíssimos testemunhos dos amigos vi a caridade em ação e percebi que o essencial era o coração das pessoas transformado, capaz de caridade infinita e de misericórdia (não de pura generosidade), mudado pela companhia de Cristo. É com Ele o único modo possível de mudar a sociedade. Vi em ação todo o carisma do movimento que me fascinou e que continua a fascinar. Abriu-se diante de mim um horizonte. O meu pensamento mesquinho sem olhar para a realidade pedia-me um esforço grande. É realmente verdadeiro que só numa experiência tangível a verdade se faz carne, me liberta e torna alegre a vida. Agradeço-te muito pelo teu testemunho obstinado de amor a Jesus e fidelidade ao carisma de don Giussani. Resiste, peço-te! Precisamos, preciso de ti.

Um conteúdo da autoconsciência que nasce de uma experiência. O que é que nos definiu na nossa vida ao longo destas semanas? A nossa posição diante do que estava em jogo ou a nossa autoconsciência? Façamos – digo-o para que aprendamos, não para nos acusarmos, mas para aprender com aquilo que nos aconteceu – a comparação entre aquilo que vivemos (com os outros e entre nós) e aquilo que diz a Escola de Comunidade: «Paulo, escrevendo aos cristãos da Galácia, exprime-se assim: “Vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus, pois todos vós que fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus.”» (pág.96). Podemos dizer muitas coisas falando do «nós», da comunidade, mas se, quando acontece uma circunstância como a atual, isto não prevalece... As grandes divisões históricas (judeu e grego, escravo e livre, homem e

mulher) não impedem S. Paulo de viver a consciência de que «somos um em Cristo Jesus». Porque a pergunta que vem à tona é: onde se funda a nossa unidade? A nossa unidade funda-se no facto de estarmos de acordo em relação ao que fazemos ou funda-se no facto de sermos «um em Cristo Jesus» pelo Batismo? É esta a grande revolução cultural. Se não prevalece esta autoconsciência, seremos definidos pelas etnias e não pela fé. Oíçam o que me escreve um de vocês: “Caro Padre Julián, já faz algum tempo que não faço Escola de comunidade num grupo estável. Aqueles com quem eu fazia no passado pareciam-me que trabalhavam num modo teórico, e algo desequilibrado, sobre o “discurso”; parecia-me, em suma, que perdia tempo. Desde então, por conseguinte, tenho feito com alguns amigos que me ajudam mais, mas com os quais é difícil encontrarmo-nos de forma estável e, assim, fazer um trabalho sistemático. Recentemente, aconteceu algo que pôs em discussão algumas coisas. Envolvi-me, juntamente com outros amigos do movimento, da minha cidade, na organização de um momento público que me interessava muito. Fui, por isso, convidado a participar em alguns encontros de responsáveis para podermos acompanhar juntos a preparação. Foi uma grande surpresa! A maior parte daquelas noites não era passada a organizar coisas mas contando uns aos outros como e onde cada um reconhecia a presença de Jesus na própria vida ou na de outros. O “centro”, em suma, era ajudarmo-nos uns aos outros naquela relação, não a organização! Ainda que entre nós, infelizmente, não seja habitual que no centro dos nossos encontros esteja como tema a relação com Cristo; pelo contrário, para aquelas pessoas é assim. Disse-me: ”Então ainda é possível falar de Jesus como falar das batatas que se estão a comer ao jantar!” Nasceu assim a vontade de os seguir. Leio no *Porquê a Igreja* que para os primeiros Cristãos tinha sido totalmente retirado o carácter étnico da preferência de Deus, que a unidade entre eles estava fundada unicamente no facto de terem sido postos juntos por Deus, e esta escolha coincidia com a adesão à fé em Cristo. Leio, depois, que este primeiro factor tem também um valor cultural preciso: que a verdade, para a tradição hebraico-semítica, é representada muito mais com a imagem da rocha (ou seja, da estabilidade e solidez do testemunho) do que com aquela da luz (a evidência que eu consigo ver). Li tantas vezes estas linhas, e, para ser honesto, a maioria das vezes parecia-me um sublinhado filosófico que tinha pouco a ver com a minha realidade. Desta vez, pela experiência que fiz, foi diferente [é a experiência que torna vida uma palavra lida!]. Apercebi-me que na escolha de não fazer o trabalho comum da Escola de comunidade (e também em tantas outras ocasiões) aquilo que prevalece é o meu modo de ver e ouvir, que tem a última palavra. Lentamente, no tempo, sem que o tenha decidido conscientemente, o lançar-me na relação com amigos que me testemunham Cristo foi-se perdendo, privilegiando aquilo que eu consigo ver e viver. Até ultimamente me parece que isto veio à tona claramente na questão do Decreto-Lei sobre a união civil e no *Family Day*. “E isto não é irracionalismo. Com efeito, o encontro com uma pessoa em quem se verifica como verdadeiro o que ela está a comunicar não é exclusão da atitude crítica, mas imanência da atitude crítica em todo esse contexto vivo do qual ela não se pode separar – e ao qual, por isso, ele vai buscar a autenticidade do seu dinamismo. [...] A elucidação metodológica que emerge definitivamente da imagem da rocha como imagem de verdade é a solidez da testemunha[...] insistimos na observação de que, nesse sentido, os dois métodos não estão em contradição, mas um é mais completo do que o outro” (pág. 100). À luz destas palavras e da experiência que contei, a questão parece-me que vai bem para além da escolha de fazer Escola de comunidade neste ou naquele grupo. Trata-se da verdade da minha relação com Cristo. A coisa mais bonita é que o meu deslize neste ponto não foi para Ele uma objecção. Continuou ao meu lado e, através de algo que eu comecei com outras intenções (a organização do gesto público que mencionei), corrigiu-me, fazendo-me embater de novo na atractividade da Sua presença”. Hoje somos como nómadas nesta Babel da confusão, sem algo de estável porque a sociedade é “líquida”, e também nós participamos no mesmo tipo de liquidez. Então, a metáfora da rocha oferece-nos qualquer coisa de sólido sobre a qual o homem se pode apoiar na procura do verdadeiro: “quando adere a alguém que está a escutar, o homem tem de apoiar a *totalidade* da sua pessoa no “tu” de outrem. E, ao passo que é muito fácil uma pessoa duvidar de si mesma, é muito mais difícil projectar a sombra dos seus “ses” e “mas” sobre uma presença que estima e ama” (pág. 99/100). Por

isso, a proposta que o Mistério nos faz para alcançar a verdade é esta: seguir uma testemunha. Mas, muitas vezes, a verdadeira dificuldade é a suspeita sobre a solidez da testemunha. E como verifico a solidez dessa testemunha? Porque este problema já todos tinham no povo de Israel diante dos profetas: havia profetas verdadeiros e profetas falsos. Hoje também, porque nada é mais semelhante à verdade como aquilo que aparenta sê-lo embora não o sendo. Então, como é que podemos verificar quem é testemunha?

Sou um celino de longa data e vivo a experiência do movimento há mais de trinta e cinco anos, desde os tempos da universidade. Neste longo caminho – porque, como don Gius antes e hoje tu nos testemunham, de um caminho se trata – muitos foram os momentos de alegria e de letícia vividos na Sua humana companhia. Recentemente foram-me dadas a viver, e em parte ainda vivo, circunstâncias particularmente fortes através das quais a realidade me sufocou, às vezes ao ponto de me cortar a respiração. Experimentei a escuridão da noite, o viver sem esperança, isto é, o não viver. Mas lembrando-me dos muitos momentos verdadeiros e intensos vividos antes, durante a noite escura pedia-Lhe para que não permitisse que aquelas circunstâncias me levassem para longe do Seu olhar, para que não me privassem da Sua presença. Pedia-Lhe gritando, que se revelasse porque não O via, enquanto que quem faltava era só eu. Assim, lentamente fiquei só e as propostas do movimento tornaram-se um fazer, às vezes difícil. Como diz a Escola de comunidade, estava apoiado só em mim mesmo, subtraía-me ao que a realidade me pedia porque considerava aquelas circunstâncias dolorosas e imerecidas. Ao mesmo tempo avançava a pretensão que fosse a companhia a encarregar-se delas. Quando, depois da Jornada de início de ano de Setembro passado, retomei o trabalho da Escola de comunidade e aceitei o desafio que tu nos propunhas – a verificação na realidade -, aconteceu o milagre: as circunstâncias já não se revelavam hostis, mas a modalidade através das quais Ele me fazia Seu. As dificuldades embora maiores já não erma uma objecção. Vivia as circunstâncias, que até aí me deprimiam, com grande liberdade e paz interior. Grato e certo de ter sido amado eu primeiro, escolhido e querido, apesar de todos os meus limites e das minhas fragilidades, renascido, podia finalmente abraçar e amar a cruz.

Então o que é que te faz descobrir a solidez da testemunha?

A verdade da Sua presença.

E como sabes que é a Sua presença? Porque se verifica aquilo que te promete a testemunha. Como acontecia com os profetas: eram verdadeiros se e quando acontecia o que prometiam. Tu começaste a seguir de novo aceitando o desafio que eu estou a propor. E o que é que se revelou em ti? Que a verificação na realidade mostrou o milagre, mostrou a verdade daquilo que te foi proposto. Se não se faz esta verificação, nunca se poderá ajuizar a solidez ou não da testemunha. Então como se verifica a verdade da testemunha? Como é que, apoiando-me no testemunho de um outro, encontro de novo a evidência que tinha perdido? Porque as circunstâncias «já não se revelavam hostis, mas a modalidade através das quais Ele me fazia Seu. As dificuldades (...) já não eram uma objecção (...), as circunstâncias (...) (vivo-as) com grande liberdade e paz interior».

Sim.

Está ali, toda a solidez está ali. Não é que eu te deva convencer que sou muito bom como testemunha, se sou testemunha verifica-lo tu mesmo, que aceitas a proposta que te é feita e portanto aparece aos teus olhos a evidência de quanto te acontece na tua vida. Que é o mesmo que diz Jesus: «Quem me segue terá o cêntuplo». Mas com uma condição: segui-Lo. Como com os profetas. Não há outra modalidade. E cada um pode verificá-lo aceitando também uma das opções ir ou não ao *Family Day*: «Segui com muita atenção o debate sobre a lei Cirinnà lendo e confrontando as várias opiniões com a minha experiência de vida. Desde há anos que sigo muito as problemáticas do género e das uniões de facto, uniões homossexuais, direitos humanos, etc. No meu modesto modo de ver, a aprovação legal do matrimónio homossexual é de uma gravidade não inferior à lei sobre o aborto, etc. Do teu artigo no *Corriere della Sera* emergia claramente o que é importante: que nós devemos ir ao fundo do que nos move. Durante o encontro que fizemos na minha região, emergiam duas posições: “É justo opor-se” ou “o que muda é só um encontro”. E eu disse: “Não, a meu ver o

que nos diz o Julián é que lhe importa que nós percebamos qual é a nossa efectiva necessidade e qual é a modalidade de responder também áquilo que nos preocupa da lei”. Eu fui a Roma. Viajei de autocarro, comunicámo-nos as nossas experiências, vi gente fantástica na praça, gente educadíssima, tive a impressão que a maior parte fossem como eu. Na praça, instante a instante, confrontava-me com o que o artigo dizia. Assim tornou-se-me evidente a veracidade do que o artigo proponha: só o encontro com uma pessoa que lhe importa Cristo, isto é que é regenerada por Ele, ressuscitada por Ele, pode mover o outro num total respeito por ele, isto é no respeito pela sua liberdade”. Não basta repetir ou gritar a verdade, porque como diz *don* Giussani, o “instrumento [usado por Deus] para facilitar o nexo entre o homem e a verdade [...], [não é] o termo de uma visão, mas o termo de um abandono [parece “irracional”], de uma amor [...] [parece “demasiado ingénuo”. É um] processo com o qual o homem segue a testemunha da verdade” (pág. 100). Foi o que Deus fez na natureza: a criança torna-se grande através do testemunho do pai e da mãe. É muito simples! Mas nós revoltamo-nos com isto. Queremos resistir a este método da escolha de Deus, porque nos parece que não é suficientemente crítico. E *don* Giussani diz: “O encontro com uma pessoa em quem se verifica como verdadeiro o que ela está a comunicar não é uma exclusão da atitude crítica, mas a imanência da atitude crítica em todo esse contexto vivo do qual ela não se pode separar – e ao qual, por isso, ela vai buscar a autenticidade do seu dinamismo” (pág. 100). Por isso, se não nos dermos conta de que só assim podemos descobrir a verdade, acabamos por nos apoiar numa coisa infinitamente menos consistente, e cada um verificará que, quando não segue aquilo que o impressionou no encontro cristão através do qual o Mistério nos alcançou a todos nós, não resistirá à lógica mundana. «Está muitas vezes bem longe dos cristãos a consciência deste manancial autêntico do seu valor. Não raro [...] deparamos com quem procura a clareza, segurança, motivação para agir interpretando redutivamente a sua comunidade [adoptando o que bem entende], ou o movimento, ou associação particular, privando-se assim da fonte unitária que os alimenta que é o mistério da Igreja em si mesma, ou com quem, citando a Igreja, se lhe refere como a um super-organismo mecânico que nada tem a ver com a realidade que se vive» (pág. 108). *Don* Giussani propõe o caminho: «O modo para aprender o que seja a Igreja total é, pois, ir até ao fundo da experiência eclesial que a pessoa encontrou, desde que essa experiência tenha as características de verdadeira eclesialidade [ou seja, a conexão com a Igreja]. Por isso a obediência à Igreja total, a dependência dela, a articulação com ela, o reconhecer-se com os outros factores presentes no âmbito da vida cristã são aspectos que definem a validade do encontrar-se. De contrário, o motivo por que se atribui valor ao próprio reunir-se não é o mistério de Jesus Cristo que se comunica à história e ao mundo, mas algo que lhe reduziu o alcance». O que está em jogo em toda esta questão é precisamente isto: se o nosso reunir-nos tem por assunto o mistério de Cristo, isto é, amigos, onde pomos a nossa esperança, até para sustentar a família. Não é que isto nos faça ignorar a realidade concreta. Pelo contrário, é propriamente por isso que bradamos a todo o mundo que nós temos esperança em Cristo ressuscitado! E isso comunica-se em qualquer ambiente «através dum grupo de cristãos conscientes de autêntica pertença à mesma Igreja» (pág. 108). É a partir daqui que depois nos daremos o tempo – esta noite não me posso alongar – também para perceber todos os pormenores até do conteúdo daquilo que estive na baila em todos os diálogos destes tempos. Será preciso ter a paciência de nos darmos tempo, sem rigidez, sem criar muros, escutando-nos mutuamente, seguindo o que nos é proposto; então, talvez, começaremos a perceber melhor e tudo quanto estamos a viver se tornará uma oportunidade de crescimento e de amadurecimento para cada um de nós. Para nos ajudarmos neste caminho proponho-vos que leiam o segundo capítulo do livro *La bellezza disarmata* («Verità e libertà: un esempio paradigmatico», pág. 32-55), onde procurei explicar que nós estamos num contexto totalmente diferente, de mudança de mentalidade, e que nos custa perceber isto. Como disse antes, em 1968 Giussani intuiu logo que havia algo de absolutamente novo que estava a acontecer, e estava disposto a rever todo o discurso. Se nós ainda temos dificuldade em perceber o que sucedeu em ‘68, imaginem agora que está tudo a desmoronar-se e estamos perante reviravoltas epocais que ninguém teria podido imaginar ainda há pouco tempo! Por isso nos custa encontrar a modalidade de estar presentes num mundo plural em que, como diz o

Papa, nós cristãos não somos os únicos a oferecer uma cultura ou uma visão da realidade, mas somos um actor entre muitos. A verdade não se pode impor, mas deve-se propor através dum caminho de convicção, como dizia Bento XVI: um modo de estar no real que não seja contrário à liberdade. Esta noite vou dar-vos alguns exemplos para nos ajudarmos a perceber, depois prepararemos um texto mais completo para publicar na *Tracce*. Primeiro exemplo: o referendo italiano sobre o divórcio. Giussani tinha um juízo claro sobre a utilidade do instrumento do referendo para defender publicamente a família; o movimento envolveu-se na campanha contra a legalização do divórcio por obediência à autoridade eclesiástica, mas «pela sua parte [...] CL não estaria plenamente de acordo sobre a utilidade duma iniciativa desse tipo dadas as circunstâncias» (L. Giussani, *Il movimento di Comunione e Liberazione (1954-1986)*, op. cit., pág. 171). Podemos considerar que certas iniciativas não são úteis na presença de determinadas circunstâncias. Não é que Giussani se tivesse transformado num relativista ou um laicista pondo em causa a importância da defesa pública do matrimónio e muito menos da doutrina da Igreja sobre ele. O seu juízo era histórico. Agora que os bispos nos dão a oportunidade de actuar como leigos, podemos ser livres de decidir como leigos? Giussani foi contrário ao instrumento referendário não por ser relativista, mas simplesmente porque tinha percebido, antes de todos, o que estava a acontecer. Depois da derrota no referendo sobre a lei do divórcio, Aldo Moro diz à gente do seu partido: «Sectores da opinião pública [...] são agora bem mais nítidos no exigir que não seja desvirtuado, com o instrumento da lei, com a autoridade do poder, o modo comum de entender e disciplinar, nalguns pontos sensíveis, as relações humanas. Esta circunstância não se pode deixar de ter em conta, porque ela toca já profundamente a vida democrática do nosso país, aconselhando por vezes a realizar a defesa de princípios e valores cristãos à margem das instituições e das leis, ou seja no vivo, aberto e disponível tecido da nossa vida social» (Discurso de 19-07-1974, pronunciado no dia seguinte ao referendo sobre o divórcio durante a intervenção no Conselho Nacional da DC. Cf. A. Moro, *Scritti e Discorsi* (organizado por G. Rossini), vol. VI (1974-1978), Roma, Cinque Lune, 1990, pág. 3155). Não há muito diferença com *don* Giussani: «Numa sociedade como esta [a nossa] não se pode criar nada de novo a não ser com a vida: não há estrutura, nem organização ou iniciativa que dure. Só uma vida diferente e nova [na vida social] pode revolucionar estruturas, iniciativas, relações, enfim, tudo» («Movimento, “regra” de liberdade», organizado por O. Grassi, *Litterae communionis-CL*, Novembro de 1978, pág. 44). Por isso, no contexto da Igreja antiga, um Santo Agostinho, só para dar um exemplo, entendia a diferença existente entre a lei civil (que tem como finalidade a convivência) e a moral. E o facto de que a lei civil não reflecta plenamente a moral cristã não quer dizer que então não seja válida: «A lei que é dada a fim de guiar a convivência entre os homens permite que deixe impunes muitas coisas que, porém, são punidas pela providência divina. Mas ele não condena as leis dos homens pelo facto de não pôr tudo em ordem» (cf. «Santo Agostino» in M. Borghesi, *Critica della teologia politica. Da Agostino a Peterson: la fine dell'era costantiniana*, Génova, Marietti, 2013, pág. 301). O cardeal Georges Cottier, durante anos teólogo da Casa Pontifícia diz: «Os primeiros legisladores cristãos [...] não revogaram de imediato as leis romanas tolerantes de práticas não conformes [...] [à moral da Igreja porque] a Igreja sempre entendeu como longínqua e perigosa a ilusão de eliminar totalmente o mal da história por via legal» (G. Cottier, «La politica, la morale e il peccato originale» in M. Borghesi, *Critica della teologia politica. Da Agostino a Peterson: la fine dell'era costantiniana*, op. cit., pág. 302-303). Termino com outra referência. Nestas semanas um dos textos mais citados nas discussões foram as *considerações sobre os projectos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais* da Congregação para a Doutrina da Fé, de 2003, que afirma: «Em presença do reconhecimento legal das uniões homossexuais ou da equiparação legal das mesmas ao matrimónio», é preciso opor-se. Como veem, distingue as duas coisas, condenando ambas: as uniões civis e a equiparação ao matrimónio. Em 2007 houve a discussão sobre as DICO [proposta de lei sobre as uniões de facto, *NDT*], que todos recordam, e à época toda a Igreja italiana era contrária às uniões civis. Agora estamos em 2016 e quase todos aceitariam as uniões civis homossexuais, desde que afastadas da adopção e não equiparadas ao matrimónio. É porque a Igreja italiana se tornou subitamente

relativista ou porque hoje as leis civis, para garantir a convivência, precisam de dar espaço e reconhecimento a pessoas que pensam diversamente da moral natural ou católica? Isto não quer dizer que nós não tenhamos todo o espaço para testemunhar a beleza da família assim como Deus a quis ao criar-nos homem e mulher. Então, amigos, temos de dar-nos tempo para nos apercebermos do que está a acontecer. É uma mudança tão epocal que, se não nos ajudarmos a compreendê-la, facilitamos o desencadear-se de discussões inconclusivas em vez dum diálogo que nos permita encontrar o nosso posto, o nosso dever: que temos nós a propor e a viver, a comunicar aos nossos amigos precisamente por aquilo que somos, isto é, uma realidade na vida da Igreja, porque somos Igreja. A Escola de comunidade destes tempos ajuda-nos a perceber isto. Além do texto de *La bellezza disarmata* (da página 32 à página 55) que vos indiquei antes, podem também reler a parte da lição de sábado de manhã dos Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação de 2014 (da página 22 à página 34 do livrinho «*Correndo para O alcançar*»), onde eu tinha feito já uma exposição das correções que *don Giussani* nos tinha feito sobre o nosso modo de ser uma realidade sociologicamente identificável. E que ainda não compreendemos.

A próxima Escola da Comunidade terá lugar no dia 16 de Março às 21:00.

Continuamos o trabalho sobre texto de *don Giussani* *Porquê a Igreja*, retomando o capítulo sobre “Os três factores constitutivos”, “2. A comunidade investida por uma «Força do Alto»”, da página 108 à 118.

O tempo da Quaresma acabado de começar deve interrogar-nos todos sobre porque é que a Igreja nos propõe cada ano este tempo: é a ocasião propícia para aprofundar o caminho que o Papa nos propôs com o Jubileu da Misericórdia. Em que é que nos pede que mudemos também em relação a tudo o que dissemos? Que necessidade temos? E em que é que a Escola de Comunidade nos chama a mudar?

Como sabem a Tracce de Fevereiro contém o DVD com a lição de *don Giussani* Reconhecer Cristo.

Recordo-vos que os Exercícios da Fraternidade terão lugar em Rimini de 29 de Abril a 1 de Maio. As inscrições por Internet abrem a 18 de março e fecham a 5 de Abril. Verifiquem desde já a vossa password de acesso ao site

Por último, assinalo-vos a iniciativa promovida pelo Corriere della Sera de republicar semanalmente dez livros de don Giussani, vendidos em conjunto com o jornal. O primeiro – que sairá a 20 de Fevereiro – será *O sentido religioso*, com introdução, escrita para a ocasião, por Antonio Polito

Veni Sancte Spiritus